

ENTREVISTA

POR BRENDA MELO DUARTE / FOTO FERNANDA LUZ

QUESTÃO DE ÉTICA

Filósofo e professor da Unicamp, Roberto Romano analisa vários temas atuais: das manifestações nas ruas e do uso de animais em testes à censura prévia das biografias

A vida do ser humano vale mais do que a de um cão? Publicar biografia sem autorização do protagonista é liberdade de expressão ou invasão de privacidade? Os black blocs podem ser considerados simplesmente vândalos? Os fatos recentes em destaque na imprensa, nas rodas de conversas e redes sociais fomentaram um cabo de guerra de opiniões sobre o que é ou não ético. Na entrevista a seguir, o filósofo e professor Roberto Romano, 67 anos, que veio à Cidade para ministrar palestra na Universidade Católica de Santos (UniSantos), se posiciona sobre diversos fatos polêmicos – o que inclui a manifestação de estudantes contra a entrada da Polícia Militar nos campi da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde, apesar de aposentado há dois meses, continua exercendo o cargo de professor titular de Ética, que ocupa desde 1982. Romano tem doutorado em Filosofia pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (1978) e é autor de vários livros, entre eles *Brasil: Igreja Contra Estado* (Kayros, 1979). Nascido no norte do Paraná, chegou a São Paulo ainda jovem. Integrou a Ordem Dominicana por 12 anos, mas sempre deixou claro que não seguiria a vida confessional e, sim, acadêmica, dedicando-se aos estudos teológicos para ordenação e aprofundamento em

Filosofia. Prestou vestibular para a Universidade de São Paulo (USP) e foi aprovado. No entanto, não pôde iniciar o curso naquele ano (1969). Foi preso por militares, torturado e só retomou a vida após passar mais de um ano na cadeia. Há alguns dias, recebeu comunicado da Comissão Nacional de Anistia, anunciando que o Estado brasileiro irá lhe pedir desculpas oficiais.

CONSCIÊNCIA Qual a diferença entre ética e moral?

A ética se manifesta sempre como um comportamento coletivo, assumido por uma reunião de indivíduos. Ela também se apresenta em grupos profissionais (medicina, esporte, arte, religião etc.). A moral é a consciência que pessoas e grupos possuem

dentro dos conjuntos éticos aos quais pertencem. Ela pode aderir totalmente à ética que a rodeia, pode se distanciar dela, ou a ela se opor.

Pode dar um exemplo?

Na Alemanha nazista, a ética era definida pelo coletivo, pelo partido. Mas as consciências podiam aderir à ética genocida nazista, dela se distanciar, ou a ela se opor, mesmo que apenas no íntimo. Muitos alemães foram mortos nos campos de concentração por negar obediência à ética imperante no seu povo, naquela época.

O que é comportamento ético?

É algo que, uma vez assumido, torna-se automático. Daí o perigo: se foi aprendida uma ética tortuosa (como a que vive de preconceitos, racismo etc.), a pessoa a considerará normal e agirá de acordo com ela.

Como avalia a ética no Brasil?

É muito distanciada da consciência moral. Esta última, quando autêntica, se pauta pela autonomia da vontade. Com o nepotismo, por exemplo, quem recebe o favor deixa de ser autônomo diante do seu familiar poderoso, das pessoas a quem ele pediu o favor de um cargo para o parente etc. É um sistema de servidão disfarçada de amizade.

IGREJA No livro *Brasil: Igreja Contra Estado*, o senhor aborda a força do catolicismo nas raízes éticas do País. Cite exemplos.

A Igreja Católica, no País, presidiu a vida coletiva desde o princípio. Contribuiu para o refinamento de nossa cultura, mas também

“O excesso e a falta de partidos prejudicam a democracia”



**“A ética no
Brasil é muito
distanciada da
consciência
moral”**

exerceu e exerce um domínio grave sobre setores do Estado e da sociedade. Problemas de ordem ética recebem dela uma orientação que exclui outras crenças. Durante décadas, por exemplo, dominou o Ministério da Educação, tendo como orientadores pessoas como Tristão de Athayde e outros.

O catolicismo enfrenta uma redução no número de fiéis. O senhor acredita que a postura do Papa Francisco em relação às falhas morais de membros da Igreja fará o quadro mudar?

Uma instituição ampla e antiga como a Igreja Católica depende menos de seu dirigente máximo e mais do corpo dos seguidores. Quando o papa é aberto ao diálogo e às massas, a Igreja respira e adquire novas forças. Mas tudo depende de suas bases no mundo.

VIDA Quanto ao uso de animais para testes, qual deve ser o critério ético?

Se não houver outra técnica a ser empregada, que se use o experimento em bichos. O antropólogo Levi-Strauss diz, com razão, que o modo pelo qual tratamos os animais mostra muito de como lidamos com os próprios seres humanos. É verdade: os experimentos com animais, sem maiores cautelas, coexistem com a escravidão, o tráfico de pessoas, a venda de órgãos, a pirataria na qual as mulheres são vítimas, prostituídas contra sua vontade em cidades modernas do mundo e do Brasil.

O senhor acredita que a vida do homem vem em primeiro lugar?

Creio que temos, em casos de experimentos com animais, o mesmo problema ocorrido com os testes em seres humanos. Não é possível esquecer que os nazistas fizeram tais experiências, sem respeito à dignidade do ser vivo. Mesmo os EUA, que tanto propagam e exigem respeito aos direitos humanos, usaram pessoas para seus experimentos. Dizer que o homem vem em primeiro ou em segundo, é eludir o fato de que seres vivos devem ser encarados com respeito.

“Não existe despertar súbito da consciência popular”

PROTESTOS As manifestações indicam a vontade de mudar as deturpações na ética nacional?

Sim. A internet ajudou muitas pessoas a entender melhor os mecanismos pelos quais ocorre a corrupção, a ineficácia das políticas públicas. Elas estão começando a usar a rede como gatilho de manifestações políticas muito relevantes para o futuro do País.

Os black blocs podem ser considerados apenas vândalos?

Não. Se fossem somente vândalos, sua periculosidade seria mais

atenuada. Eles acreditam mesmo que o que fazem é promover a revolução social em nome do povo. Seu princípio de ação é autoritário do início ao fim. Fossem eles apenas vândalos, nada teriam a mais do que tantos outros que destroem os lugares públicos e privados (nas universidades existem muitos que picham paredes, roubam computadores, avariam instrumentos), mas nem todos pensam fazer, deste modo, obra revolucionária.

Acredita que o Brasil acordou, como dizem os manifestantes?

Não existe despertar súbito da consciência popular. Ela surge gradativamente e depois recebe aceleração dos fatos políticos econômicos, sociais. O que se viu

em junho de 2013 resulta de ensaios e erros praticados desde longa data, pelo menos desde a movimentação em prol da Lei da Ficha Limpa.

Essa nova realidade vai despertar o interesse dos jovens em assumir lideranças na política?

Existe dificuldade maior pelo fato de os políticos serem donos dos partidos e, por isso, jovens que estão militando só podem entrar com a bênção deles. Os novos que chegam se tornam servos e vão ser políticos medíocres ou são afastados da vida pública. Precisamos de uma reforma política que comece com a democratização dos partidos.

E quanto a pesquisar e se informar mais sobre os candidatos antes de votar?

O eleitorado caminha no sentido de amadurecimento, mas a máquina do Estado é emperrada, obsoleta. A pesquisa é algo que o eleitorado em geral está fazendo, mas é um ponto que também supõe uma mudança na lei política. Sempre se culpa o coitado do eleitor dizendo que não sabe votar. Mas quando se chega à urna, o prato já está feito, ou seja, o partido, com seus donos, escolheu a aliança, o candidato, deu ou tirou tempo de propaganda, distribuiu fundo partidário ou não.

Qual seria a solução para a falta de democracia nos partidos?

Na reforma política, determinar que nenhum dirigente pode ficar no cargo mais de dois anos. Depois, mandar que os partidos realizem primárias e consultem os filiados em caso de alianças, mudanças de programas etc. Ou seja, retirar dos atuais oligarcas o seu poder.

Em 2014, 32 siglas vão disputar as eleições. Esse excesso de legendas também é prejudicial à democracia?

O excesso e a falta de partidos prejudicam a democracia.

O importante não é o número, mas a qualidade. Uma vez oficializados, recebem fundo partidário e se tornam instrumento do Estado e não um conjunto de cidadãos que pretendem modificar. A primeira coisa que eles fazem ao chegar ao poder é rifar o programa tendo em vista a governabilidade. O Lula abraçando o Maluf, por exemplo. São projetos de sociedade antagônicos, mas que se unem.

O senhor é a favor ou contra a obrigatoriedade do voto?

Um direito não deve ser imposto. Sou contra a obrigatoriedade.

EDUCAÇÃO O que deve ser reavaliado ou melhorado nas universidades públicas brasileiras?

Acredito que deve haver maior expansão social do conhecimento para benefício da comunidade. Nas universidades públicas, existem convênios com empresas estatais, privadas e setores financeiros. Mas com municípios são raros. As pesquisas também devem auxiliar cidades pobres que não têm como pagar planos de engenharia e arquitetura, assistência educacional, médica etc.

“O modo pelo qual tratamos os animais mostra muito de como lidamos com os próprios seres humanos”

E quanto às particulares?

Menor preocupação com o lucro e mais empenho na pesquisa e na docência qualificadas.

A Unicamp não aprovou o Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Paulista (Pimesp). O que acha sobre a criação de um curso para os cotistas antes de poderem entrar na universidade?

É necessário incentivar as escolas públicas, onde os mais pobres estudam. Criar cursos intermediários é retirar delas a

exigência pela sua capacidade eficaz. É preciso que os estudantes encontrem nas escolas públicas razoável ensino, para seu bem e dos que não irão à universidade.

Acredita que os novos incentivos de inclusão das universidades públicas vão equilibrar o número de alunos ricos e pobres?

Sim. A Unicamp, por exemplo, com o sistema de bônus concedido aos alunos pobres, negros e índios vindos de escolas públicas apresenta um equilíbrio interno importante. Os que entraram por essa via mostram empenho e competência, talvez porque saibam que é uma oportunidade única, que seus pais não tiveram.

Os estudantes da USP pedem as eleições diretas para reitor e vice. Qual a sua opinião?

Universidades públicas têm instrumentos de consulta e de participação de estudantes e funcionários. A direção, porém, cabe aos professores e pesquisadores, que têm saberes e práticas responsáveis diante da sociedade e do Estado. As pesquisas universitárias

ENTREVISTA

elaboram técnicas complexas que resultam em tratamentos de câncer, remédios, estruturas arquitetônicas, veículos, alimentos etc. Tais pesquisas não podem ficar à mercê de ideologias e de votações em comício. Se ocorre algo errado, os estudantes não precisam responder na Justiça pelos erros. Os pesquisadores, sim.

Acredita que, em geral, os profissionais da educação buscam a reitoria pela vontade de se dedicar e fazer mais pela universidade ou por interesses pessoais?

Em qualquer instituição, a busca de cargos na direção envolve o interesse pessoal e a dedicação. A dose dos elementos é que importa. Se é mais o interesse pessoal, a instituição padece.

Na sua opinião, qual das duas motivações tem pesado mais?

Não existe instrumento para medir as duas tendências, salvo a opinião pessoal, passível de muitas falhas. Eu diria que tem predominado a tendência que valoriza o interesse pessoal e grupal, em detrimento do bem coletivo na universidade.

“As pessoas usam a internet como gatilho de manifestações políticas muito relevantes para o futuro do País”

Depois da morte do estudante Denis Casagrande, na Unicamp, a pró-reitoria afirmou que iria aceitar a ajuda do Governo do Estado e permitir que a Polícia Militar atuasse nos campi, o que desagradou aos alunos. É a favor ou contra da intervenção da PM na universidade?

Sou a favor do bom senso. Existem casos em que a segurança terceirizada é ineficaz e prejudicial. Se ocorre um assassinato no campus, por exemplo, é preciso que

a polícia opere, como, aliás, em toda a sociedade. Mas sem violência e sem arbítrio.

A pró-reitora afirmou que as rondas já haviam começado. Depois, o reitor disse que não havia acordo algum firmado. A PM iniciou ações na Unicamp ou não? Não.

CENSURA Como avalia o Procure Saber, grupo de artistas que defendeu a autorização prévia de biografias e a participação nos lucros?

Acho o Procure Saber o suprassumo da censura, uma retomada do vezo autoritário que permeia o nosso Estado e os integrantes da sociedade, sobretudo quando eles se julgam superiores à massa da cidadania. O caso pode abrir caminho para a censura pura e simples. Vivi durante a ditadura, durante a qual fui preso e torturado. Pois bem, a biografia de Carlos Marighela, escrita por Mario Magalhães, me ensinou muita coisa sobre o biografado e sobre o período, ou seja, sobre mim.

E se a verdade for deturpada?

Uma biografia pode cometer equívocos ou mesmo crimes. Cabe aos prejudicados irem à Justiça em busca de reparação ou indenização. Mas um povo é constituído por indivíduos, dos quais alguns são exemplares, modelos públicos para o bem ou para o mal. Sua vida não pertence apenas a eles, nem à sua família, mas ao povo que os trouxe ao mundo. O povo tem o direito de saber o que fizeram ou não, nos limites do respeito ético.

DITADURA Quando e em que circunstâncias exatamente o senhor foi preso?

Fui preso e interrogado pelo Cenimar (Centro de Informações da Marinha) no Rio, quando saía do Convento Dominicano e ia procurar meu amigo frei Ivo Lesbaupin. Fui levado para São Paulo com outro preso, Sinval Itacarambi Leão.

Pode falar desse momento?

No Dops, em São Paulo, fui interrogado pelo delegado Sergio Fleury, no chamado *trono do dragão* (cadeira ligada a um aparelho de TV, para dar choques).

“O Procure Saber é o suprassumo da censura, uma retomada do vezo autoritário que permeia o nosso Estado”

Vi presos torturados, não assisti à prática de tortura sobre outros, apenas sobre mim, graças a Deus. Mas os presos saíam saudáveis das celas e voltavam estropeados, com marcas evidentes de tortura.

Como conseguiu a liberdade?

Fiquei mais de um ano no Presídio Tiradentes, quando fui solto por ordem da Segunda Auditoria Militar no regime de menagem – sem poder sair de São Paulo, só com autorização. Fui julgado e

inocentado por “ausência de crime e absoluta falta de provas”.

Qual a principal lembrança que ficou daquela época?

Do horror. Há alguns dias, recebi comunicado da Comissão Nacional de Anistia de que o Estado brasileiro irá me pedir desculpas oficiais em breve.

É importante a iniciativa?

Não é por mim, mas porque o Estado tem o dever de pedir desculpas a pessoas que sofreram. Penso nas famílias dos mortos, sobretudo. O pedido não ajuda em nada, não repara o que foi feito. Mas evidencia que o Estado não está acima do bem e do mal.

Se tivesse que citar as palavras de algum filósofo para descrever a realidade em que vivemos, quais seriam?

Usaria a fábula da caverna platônica. Estamos aprisionados na escuridão e a luz está fora de nossa sociedade. E quem percebe luzes exteriores à caverna é perseguido, morto, torturado pelos que amam a obscuridade, a falta de saber. ●